

inexplicavelmente a publicação desta obra vem com um atraso de quase 18 anos). Como o crescimento mais intensivo de Feira de Santana se deu sobretudo a partir de 1860, o foco da análise limita-se aos 90 anos da história local, isto é, de 1860 a 1950.

Poppino acompanha o desenvolvimento histórico desta comunidade balana em diversos níveis: estuda as instituições políticas e suas transformações; o sistema econômico (agricultura, indústria, comércio, transportes e comunicação); as instituições sociais (o papel da Igreja, a saúde pública, o desenvolvimento cultural). Completam a obra dois capítulos: "A importância do gado em pé na economia local" e "Tendências da população em Feira de 1860 a 1950".

Diz o Autor: "Na Bahia e no Nordeste, Feira de Santana está associada, na mente do povo, à feira de gado semanal, que deu o nome à localidade. Essa associação é adequada, porque a pecuária e a indústria animal formaram sempre a base da economia do município. Desde os primeiros tempos do século dezoito que uma pequena feira de gado se reunia em Feira de Santana. Somente pela circunstância de existir no sertão uma grande área dedicada à pecuária. A feira evoluiu, tornando-se um fator de importância na economia da Bahia. A posição geográfica do município foi responsável por esse desenvolvimento, porque a maior parte do gado do interior tinha que passar por Feira de Santana, no seu itinerário para a Capital. Durante mais de um século, a feira de gado semanal continuou a crescer em tamanho e importância numa relação direta com a procura da carne de boi na cidade de Salvador e nas cidades do litoral. Em 1950, Feira de Santana era considerada como o centro de maior projeção do comércio de gado no Nordeste do Brasil, e o sítio de uma das maiores feiras de gado de todo o país." (1)

A obra nos oferece uma clara reconstrução do passado desta região, tornada muito rica devido à abundância dos registros encontrados nas fontes primárias dos Arquivos e Bibliotecas, manipulados magistralmente pela argúcia do historiógrafo norte-americano. O estudo acurado das mudanças sócio-econômicas ocorridas nos 90 anos da história de Feira de Santana se impõe como indispensável não só para entendermos o presente, mas para tentarmos também qualquer previsão sobre o futuro da evolução regional.

Como se vê, tal monografia, realizada dentro de uma constante seriedade intelectual, representa importante contribuição para os estudos das ciências sociais desta área do Brasil. A Historiografia e Geografia Humana se vêem enriquecidas com mais uma monografia de uma área típica e crucial dentro do complexo do boi e do couro; à Sociologia também interessa sobremaneira tal obra pela maneira diacrônica com que revela a evolução dos sistemas e instituições sociais desta cidade; à Antropologia, finalmente, oferece um estudo criterioso de uma comunidade urbana onde vislumbramos através das instituições sócio-econômicas a emergência de um estilo de vida típico das áreas de transição, uma síntese de elementos sócio-culturais da zona do mar e do sertão. — LUIZ MOTT.



SERAINE, FLORIVAL — *Antologia do folclore cearense*. Fortaleza, Editora Henriqueta Galeno, 1968, 185 pp.

O autor, responsável por vários cursos de Antropologia Social, ministrados na Universidade Federal do Ceará, tem dedicado especial atenção aos estudos de toponímia e de dialetologia da área nordestina, em particular do Estado do Ceará, sendo constantes suas investigações de campo. Como um dos resultados destas pesquisas temos o aparecimento, em 1943, da primeira carta lingüística do Ceará, publicada

(1) Rollie E. Poppino, *Feira de Santana*, E. cit., p. 305.

nos "Estudos cearenses — 1.^a série". De seus trabalhos, constantemente citados, ressaltam: *Toponímia cearense* (1952), *Orral de peixe no litoral cearense* (1958) e *Dicionário de termos populares registrados no Ceará* (1959).

Na obra aqui resenhada estão representados estudos de dezenove escritores, especialistas ou não, entre eles José de Alencar, Guilherme Studart, Rodrigues de Carvalho, Gustavo Barroso, Leonardo Mota e José de Figueiredo Filho, havendo por "parte do Autor o maior empenho no sentido de que os interessados pudessem, ao folhear esta Antologia, adquirir um conhecimento, o quanto possível mais amplo e variado, de manifestações sociais e da cultura espiritual, que integram o folclore cearense". Deste modo, a obra registra as brincadeiras infantis, a poesia dos cantadores, a glória dos marginais, os ritos fúnebres, a medicina popular, o folclore mágico do vaqueiro, as expressões e termos populares e as gestas do gado.

Aos textos transcritos, em número de trinta e três, grande parte atualmente de difícil acesso à maioria dos leitores, segue-se uma notícia bio-bibliográfica, uma "Nota" explicativa do texto e, às vezes, comentários filológicos.

Estes esclarecimentos lingüísticos poderiam ter sido enriquecidos se o autor adotasse, como adendo, um glossário, dado que, nem sempre, os vocábulos utilizados têm significação igual em todo território brasileiro, assumindo assim feição regional.

Abre a coleção de textos o romance *O Rabicho da Geralda*, reproduzido de *O nosso cancioneiro popular* de José de Alencar. Temos que a escolha da fonte não foi das mais felizes. Há passagens onde uma leitura mais acurada permite perceber que o texto popular sofreu certo burilamento por parte do autor de *Iracema*. Tudo indica ser mais fiel a versão apresentada por Rodrigues de Carvalho, em *Cancioneiro do Norte*.

Quanto ao contributo de Alencar para o estudo da chamada "língua brasileira", Florival Seralne, em razão de seu interesse constante para o tema, poderia dar ao leitor uma visão não estereotipada como aquela que está na *Antologia*, adotando inclusive uma atitude crítica. Bem andaria se tivesse levado em conta a ponderação de Glandstone Chaves de Melo (veja-se "Alencar e a língua brasileira" in *Senhora*, Rio de Janeiro, 1951) que afirma não ter o prosador romântico tido a "preocupação de diferenciar a língua do velho idioma português, criando assim uma língua brasileira."

O que se convencionou chamar de poesia popular está representada por cinco sugestivos textos. "A.B.C. dos macacos" (p. 21-28), que o dialetólogo cearense não diz ser originário do Crato, e "Desafio de Neco Martins com Francisco Sales, um cego de Itapipoca" (p. 29-35), foram extraídos do *Cancioneiro do Norte*; "Parlendas populares" (p. 57-61), recolhidos por Gustavo Barroso; "Poesia dos cantadores" (p. 65-69), transcrita de *Cantadores* de Leonardo Mota e, finalmente, "Cirandas" (p. 95-106), pela primeira vez publicada na excelente revista *Clã*, de Fortaleza, compõem esta seção.

Em "Poesia dos Cantadores", estes os poetas populares que perambulam pelos sertões, cantando versos próprios e alheios, Leonardo Mota nos dá uma visão lígela, mas correta e honesta, não pejada de elocubrações estereis, da estrutura e forma da produção poética daqueles bardos nordestinos. Entre outras, dá explicações a respeito de "moirão", "martelo" (embolada, dez pés em quadrão, gabinete), "galope", "lígela" e "desafio".

Judiciosas são as notas descritivas com que o autor de *Terra de Sol* cuida das parlendas populares, originariamente publicadas, em *O Sertão e o Mundo*. E de se lamentar que o autor tenha se deixado tomar por um espírito menos crítico em razão de um regionalismo exacerbado, afirmando que "nesse gênero de parlendas empregadas como uma espécie de ditado, não há parte do nosso país mais rica do que o Ceará", esquecendo-se do Nordeste no seu todo e da campanha gaúcha. Com toda certeza ignorava os trabalhos de Walter Spalding e Dante de Laytano que estudaram o assunto na última área citada.

Possivelmente, em razão de suas convicções ideológicas tenha Gustavo Barroso dado mais atenção às parliandas que fazem críticas aos usos e costumes malgrado terem grande distribuição areal no Ceará.

Achegas, nem sempre bem concatenadas, nos oferece Gastão Justa sobre as "Cirandas" (p. 95-106), dizendo de suas origens, suas modalidades, seus temas principais e constantes, tudo enriquecido por expressivos exemplos.

Como excerto de obra de maior fôlego, ainda no prelo, temos "O furto na gíria dos marginais" (p. 137-139). Talvez este trabalho merecesse ser cotejado com outros vocabulários já publicados (gíria dos malandros de São Paulo, Rio de Janeiro, Recife) para um estudo comparativo. Não cremos, em razão de outros escritos por nós conhecidos, ser completo o elenco apresentado. Mas, em nosso entender, pode ser tido como boa amostragem de uma linguagem especial.

De Júlio Monteiro, que em 1914 publicou através da *Revista do Instituto de Humanidades de Fortaleza* série de artigos intitulados de "Ídolo Rústico", até hoje infelizmente não republicados, tem-se "Ditados" (p. 37-41) e "Expressões e termos populares" (p. 41-42). Estes dois estudos se apresentam de grande valia pois apresentam dados que interessam de perto às pesquisas dialetológicas, mormente nos campos da lexicografia e da semântica.

Cuidadosas são as descrições do auto dos congos (pp. 45-52) e da chegada dos caboclos (pp. 53-55) feitas por João Nogueira. A precisão com que o autor transcreve trechos dos cantos dos congos é excelente e deveria servir de exemplo para outros folcloristas. Por este motivo lastima-se a não inclusão de considerações em torno da linguagem da salve-rainha, do terno e do credo.

Mesmo sendo os textos reproduzidos deveras significativos, somos de parecer que todo o universo folclórico que envolve a atividade pecuária deveria merecer maior representação pois os trechos transcritos se diluem no livro, e não podemos nos esquecer que este trata da sabedoria popular de um estado eminentemente pastoril.

Somente três textos desse rico folclore são reproduzidos: "Os Sinais de Galvão" (pp. 75-81), "Bumba-Meu-Boi" (pp. 107-111) e "Folclore Mágico do Vaqueiro Cearense" (pp. 131-135). A escolha do último não nos parece acertada. O trabalho merece leitura mas peca pela falta de dados mais precisos e completos. Uma pesquisa na *Revista do Instituto do Ceará* revelaria, com toda certeza, textos mais ricos, ou pelo menos, mais completos.

Sem uma análise e estudo tem-se "Usos e Superstições Cearenses" (pp. 15-20) de autoria de Guilherme de Studart, tendo Florival Seralne selecionado 100 dentre os 335 usos e superstições recolhidos pelo historiador.

Com informações colhidas em Santa Quitéria, Canindé e Itatira, portanto mostrando a dispersão da crença acerca das "Previsões Folclóricas das Secas e dos Invernos no Nordeste Brasileiro" (pp. 83-87) relacionadas com os dias em que são homenageados os santos do hagiológio latino, Jôsa Magalhães preparou o trabalho. Como o sertanejo interpreta os fatos da natureza e faz previsões empíricas do tempo e como se apresenta sua personalidade anímica são os tópicos principais deste estudo.

A acuidade de Suzana de Carvalho Langer na coleta de "Duas Orações em um Terno para Pedir Chuva" (p. 141) faz este trabalho, ainda que não acompanhado de transcrição fonética, valer como um documento lingüístico. Valiosos subsídios para um estudo de elementos semânticos oferece "Pontos e Padrões de Rendas de Bilro" (pp. 142-143), da mesma autora. Mesmo resumido, pode ser classificado como monografia etnográfico-lingüística.

Em "Lendas do Diabo" (pp. 61-63), aproveitando-se principalmente da literatura oral em verso, Gustavo Barroso consegue dar ao leitor uma visão sintética, clara e precisa da noção geral da concepção do diabo corrente na área cearense.

A medicina popular está representada por dois estudos: "Alguns Tratamentos Populares" (pp. 87-93) e "Medicina Popular pelas Orações" (pp. 169-176). O primeiro, de autoria de Jôsa Magalhães, cuida da terapêutica popular, "ministrada por agentes vegetais, que o autor distingue das procedente de fatores de origem animal, ou místicos." A medicina mágico-religiosa, com suas benzeduras, rezas, orações, simpatias, promessas, adivinhações simbólicas, terapêuticas rituais, uso de bentinhos, amuletos e patuás, constituem, basicamente, o corpo do segundo trabalho. Neste deve-se dar especial atenção às considerações que faz o autor, Eduardo Campos, em torno do livro de São Cipriano. Mencione-se ainda a importância que cabe à análise das diferentes variações regionais das orações coletadas.

Cândida Galeno descreve com minudências os "Ritos fúnebres no interior cearense" (pp. 145-167). Como resultado de sua experiência como pesquisadora participante pode dizer com exatidão a forma de realização do enterro em Canto Grande, explicar qual é o tratamento do corpo, de que consiste o vestuário do defunto, que ritual envolve a guarda do morto, sua despedida e o acompanhamento do enterro.

As "Bandas cabaçais do Cariri" (pp. 113-116), "conjunto musical primitivo composto de dois instrumentos sonoros e dois de percussão", são estudadas, com certo saudosismo, por J. de Figueiredo Filho, um dos mais atuantes investigadores da história do Cariri na atualidade.

Bem sabemos não ser fácil organizar uma antologia nos moldes da aqui apresentada, que antes do mais é um útil repositório de sugestões e se constituirá, é forcoso afirmar, em fonte perene de informações. Mas, ainda assim é nosso desejo, a título de modesta contribuição, oferecer sugestões.

Florival Seralne bem andaria se melhor aproveitasse a literatura de cordel que está a merecer mais atenção dos estudiosos, sejam eles lingüistas, antropólogos ou sociólogos. O Pe. Cicero, presença constante no folclore de vasta área nordestina, sobretudo a cearense, parece ter sido relegado a segundo plano.

Sabe-se que no Brasil a documentação bibliográfica especializada, principalmente no setor das ciências humanas, é muito falha. Por este motivo o organizador da *Antologia* prestaria um grande serviço ao leitor se organizasse uma bibliografia final selecionada e comentada. — ERASMO D'ALMEIDA MAGALHÃES.



HOUAISS, ANTONIO — *Seis postas e um problema*. Rio, Edições de Ouro Culturais, 1967, 185 pp.

O nome de Antonio Houaiss se liga a dois trabalhos que bastariam para consagrar qualquer pessoa: a edição crítica das *Memórias Póstumas de Brás Cubas* e a excelente tradução do *Ulisses* de Joyce. Em ambos revela conhecimento e acuidade lingüística pouco comum entre nós. De a isto ligarmos a seriedade e honestidade com que trabalha, já o temos mais que recomendado como autor que se deve ler. Essas qualidades encontramos presentes no trabalho de que ora nos ocupamos, apenas para indicar seu conteúdo, informando aos possíveis interessados.

Depois de levantar o quadro da realidade política e social do Brasil, a partir do séc. XVII e mostrar o choque de interesses entre a Colônia e a Metrópole, acentuado na época da mineração do ouro em Minas Gerais, A. H. entra no problema da "escola mineira", como produto de forças contraditórias, o que a torna contraditória, também. Realidade que se reflete no jogo de interesses metropolitanos em detrimento dos coloniais. Dentro desse quadro está Silva Alvarenga cuja poesia se prende à tradição clássica, encontra-se também ligada ao seu tempo, visível através dela. Deste modo fica estabelecida nova perspectiva para o enfoque de sua obra bem como para a dos demais componentes da "escola mineira".